

Estudos comparados da trajetória política e dos embates do sindicalismo docente universitário da América Latina na contemporaneidade (1990-2010) – Argentina, Brasil, Colômbia e México.

PONTES, Suelen

Mestranda do PPGE /UNINOVE

MATHIAS, Emerson

Graduando em história /UNINOVE

BAUER, Carlos

Professor do PPGE/UNINOVE

RESUMO

Esta comunicação analisa o percurso do sindicalismo docente universitário na América Latina e suas resistências políticas contra as reformas na contemporaneidade, tendo como foco as mudanças significativas nos modos em que se governam e se tomam decisões em relação ao sistema educativo. Pretendemos compreender o surgimento das mobilizações (mecanismos de participação, métodos de luta, greves e democracia sindical) protagonizadas pelos docentes que passaram a ser considerados “trabalhadores em educação”. Faremos, portanto, uma breve análise da história sindical da categoria. As efetivações das propostas de reformas educacionais no período nos países latino-americanos trouxeram mudanças que afetaram direta e profundamente os docentes e as organizações sindicais dispostas a representá-los. Tais organizações se opuseram as reformas e buscaram afrontar à sua consolidação. Em linhas gerais, estudamos a história das resistências e dos conflitos existentes entre os sindicatos docentes universitários e seus respectivos governos nacionais, identificando suas conquistas e derrotas, experiências e formas de organizações políticas e sindicais que tiveram um importante papel social na esfera educacional na Argentina, Brasil, Colômbia e México.

Palavras chave: América Latina, história da educação comparada, sindicalismo universitário, trabalhadores em educação.

INTRODUÇÃO

Os últimos decênios do século XX registraram intensas modificações econômicas, políticas e sociais na maioria dos países latino-americanos, com destaque para o processo de redemocratização experimentado por diferentes nações dessa região. Nesse cenário, muitas vezes, marcado por conflitos e mobilizações sociais, também se verificou a disposição das elites políticas em promover o que se convencionou chamar de reforma do Estado, muito embora esse intento não possa ser caracterizado como regra, com características homogêneas em cada país, alguns dos seus aspectos mais relevantes são os mesmos e os atingiu indistintamente.

Se relacionado diretamente com esses processos de transformações econômicas, políticas e sociais, a problemática educacional passou a ganhar destaque e mesmo relevo nos discursos dos governantes latino-americanos, que passaram a assumir compromissos de investirem mais recursos no setor, universalizar o acesso à educação básica e melhorar a qualidade e a abrangência social dos seus sistemas educativos.

Estamos portanto, na América Latina, com a ideia de que a democracia aparenta estar estagnada no nível de discurso, estando hipoteticamente longe de ter universalizada uma série de direitos políticos, sociais e econômicos. A democracia ainda está por ser construída, consolidada, e, entendemos que setores governamentais e parte das elites Latino Americanas não vem priorizando, em suas ações, uma verdadeira democratização da terra, saúde, educação e o acesso à moradia, dentre outros direitos necessários à efetivação da cidadania.

Ocorre que a efetivação das propostas de reformas educacionais na maioria dos países latino-americanos trouxe mudanças que afetaram direta e profundamente os docentes e as organizações sindicais dispostas a representá-los. Essas invariavelmente se opuseram as reformas e se constituíram no principal obstáculo à sua consumação.

Por conta disso, em linhas gerais, pretendemos estudar a história da resistência e dos conflitos protagonizados entre os sindicatos docentes universitários e os governos nacionais dos seguintes países e territórios latino-americanos: Argentina, Brasil, Colômbia e México.

OBJETO

O objeto deste trabalho é o Sindicalismo docente universitário na América Latina. Nesse percurso, procuraremos compreender o papel desses sindicatos e associações em uma perspectiva histórico-social e, por meio desse processo, constatar e analisar os embates políticos, sua atuação junto aos educadores, tendo como recorte os anos entre 1990 e 2010, período marcado pelas políticas governamentais voltadas para as reformas do Estado, em geral, e, em particular, para as universitárias, portanto é um período amplo na área da implementação das reformas neoliberais e das resistências contra essas reformas dos Trabalhadores em Educação.

No Brasil existe uma importante produção sobre sindicalismo docente, embora tenha pouca visibilidade internacional. Esta é realizada basicamente nos programas de pós-graduação em educação, existem alguns trabalhos que têm sido desenvolvidos fora desse âmbito acadêmico e se agrupam em estudos de caso sobre sindicatos estaduais. Há algumas poucas pesquisas que comparam sindicatos do mesmo estado e outras poucas nacionais ou interestaduais e alguns trabalhos desenvolvidos nos programas de História e Sociologia.

As temáticas privilegiadas são a mobilização e a desmobilização da categoria, a identidade dos professores e, posteriormente, a ação sindical frente às reformas educacionais. Existe uma linha de pesquisa, que parece se fortalecer, voltada ao estudo das entidades tradicionais e à atividade sindical do professorado prévia à irrupção das greves de 1978-79.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nossas discussões estão inseridas no campo da construção de um pensamento contra-hegemônico e remontam os debates que são próprios do referencial teórico que se convencionou chamar de marxismo; nele o materialismo histórico dialético é à base de nossas análises e reflexões sobre o desenvolvimento e os protagonistas sociais do sindicalismo docente universitário na América Latina.

Esse referencial teórico tem como expoentes clássicos Karl Marx e Friedrich Engels, além de autores contemporâneos como Antonio Gramsci, Eric J. Hobsbawm e Edward P. Thompson que nos são caros na formulação de uma história social e na abordagem de objetos de pesquisa que são alheios ao mundo das elites, partindo das classes menos favorecidas na sociedade. Este pensar a produção do conhecimento historiográfico revelou amplos laços sociais e culturais pertinentes ao mundo do trabalho, concedeu o papel de protagonistas da história também para classes inferiores e personagens invisíveis da *história oficial*.

Autores, particularmente, envolvidos com as questões educacionais, como é o caso de Florestan Fernandes, Dermeval Saviani, Armando Boito Junior, Gaudêncio Frigotto, José Claudinei Lombardi, Sérgio Lessa e Roberto Leher colaboram conosco na compreensão do materialismo histórico-dialético e sua importância na análise da base material das idéias e sua força material na consolidação da estrutura social capitalista.

No que se refere aos estudos sobre o sindicalismo docente na América Latina e no Brasil, propriamente ditos, podemos destacar Sadi Dal Rosso, Julián Gindin, Pablo Gentili, María Victoria Murillo, Mariano Palamidessi, Cláudia Vianna, Amarilio Ferreira Júnior que também serão chamados a colaborar com a construção dos nossos estudos.

METODOLOGIA

Identificamos a metodologia de pesquisa nos marcos de uma abordagem qualitativa, fundamentada no materialismo histórico dialético e seus desdobramentos no campo da história social. A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a realidade estudada, enfatizando mais o processo do que o produto e se preocupa e retratar a pesquisa participante.

O método dialético, entre outras coisas, nos objetiva interpretar a realidade com enfoque na totalidade dos processos que a regem e no reconhecimento da existência do princípio de contradição desses fenômenos. Por isso, está muito ligado ao tema proposto para a presente pesquisa sobre o papel do sindicalismo docente universitário, reconhecidamente povoado de tensões e contradições na realidade histórica e social latino-americana.

A pesquisa pressupõe a identificação de uma massa de dados bibliográficos, constituída de obras que se referenciam direta ou indiretamente ao estudo realizado.

A construção da mesma exige a coleta de depoimentos, a realização de entrevistas semi-estruturadas com sindicalistas, pesquisadores acadêmicos e estudiosos que se tem dedicado ao tema do sindicalismo universitário nos países latino-americanos. As entrevistas e depoimentos serão gravados, com a autorização dos participantes, sendo o teor dos mesmos, posteriormente, transcritos na íntegra, respeitando as características e singularidades lingüísticas de cada um dos entrevistados. Os mesmos estarão reproduzidos, integralmente, no apêndice do relatório final da pesquisa.

RESULTADOS

Opinamos que estudar a temática do sindicalismo dos trabalhadores em educação na América Latina é fundamental, na medida em que os sindicatos, ligados aos educadores, vêm contribuindo, com suas lutas e reivindicações, no processo de acesso e democratização de alguns dos direitos inerentes a esfera educativa.

Em particular, dentro da esfera educacional, esta questão fica ainda mais latente, os problemas são de toda ordem, salas de aulas superlotadas, falta de estrutura nas escolas, baixos salários, jornadas estafantes, falta de vagas, especialmente na chamada educação pré-escolar.

Observando alguns dados podemos compreender esse processo, por exemplo, os dados referentes à taxa líquida de matrículas no ensino fundamental e médio (2001/2002)

| PAÍSES | ENSINO FUNDAMENTAL (%) | ENSINO MÉDIO (%) |
|-----------|------------------------------|---------------------|
| Argentina | 100 | 81 |
| Bahamas | 86 | 79 |
| Barbados | 100 | 87 |
| Belize | 96 | 60 |

| | | |
|----------------------|-----|----|
| Bolívia | 94 | 67 |
| Brasil | 97 | 72 |
| Chile | 86 | 79 |
| Colômbia | 87 | 54 |
| Costa Rica | 91 | 51 |
| Cuba | 99 | |
| Dominica | 91 | 84 |
| Equador | 99 | 50 |
| El Salvador | 89 | 46 |
| Granada | 84 | |
| Guatemala | 85 | 29 |
| Guiana | 96 | 74 |
| Haiti | 78 | 19 |
| Honduras | 87 | |
| Jamaica | 95 | 75 |
| México | 99 | 60 |
| Nicarágua | 82 | 37 |
| Panamá | 99 | 62 |
| Paraguai | 92 | 50 |
| Peru | 100 | 66 |
| República Dominicana | 97 | 41 |
| Santa Lúcia | 99 | 70 |

| | | |
|--------------------------|----|----|
| São Cristovão e Neves | 96 | 91 |
| São Vicente e Granadinas | 92 | 52 |
| Suriname | 97 | 63 |
| Trinidad e Tobago | 94 | 68 |
| Uruguai | 90 | 72 |
| Venezuela | 92 | 57 |

Elaborado com base em dados do Compendio Mundial da educação 2004. Comparação das estatísticas da educação no mundo, Instituto de Estatística da UNESCO, Montreal, 2004.

Como se vê em muitos países ainda não se universalizou o ensino fundamental e, no ensino médio, persiste a situação de calamidade pública. São muitos os filhos que não têm acesso a esse nível de estudo. Isso sem falar da elevada taxa de analfabetismo, em alguns países, em pleno século XXI, conforme demonstra a UNESCO.

| Países | Taxa de analfabetismo (%) |
|-----------|---------------------------|
| Argentina | 3,2 |
| Bahamas | 4,6 |
| Barbados | 0,3 |
| Belize | 6,8 |
| Bolívia | 14,6 |
| Brasil | 13,1 |
| Chile | 4,2 |

| | |
|----------------------|------|
| Colômbia | 8,4 |
| Costa Rica | 4,4 |
| Cuba | 0,2 |
| El Salvador | 21,3 |
| Equador | 8,4 |
| Guatemala | 31,5 |
| Guiana | 1,5 |
| Haiti | 50,2 |
| Honduras | 25,0 |
| Jamaica | 13,1 |
| México | 8,8 |
| Nicarágua | 33,5 |
| Panamá | 8,1 |
| Paraguai | 6,7 |
| Peru | 10,1 |
| República Dominicana | 16,3 |
| Trinidad e Tobago | 1,7 |
| Uruguai | 2,4 |
| Venezuela | 7,5 |

www.uis.unesco.org

Os dados colhidos, entre 2002 e 2003, sobre a relação docente e o número de alunos por sala de aula é mais uma das desigualdades expressa na esfera educativa, especialmente se compararmos as informações com alguns países europeus. O instituto de estatística

da UNESCO mostra, por exemplo, que nos pré-primários de países como Áustria, Bélgica, Espanha, Finlândia tem uma média de 13 alunos por professor. Já o Uruguai tem 29, Bolívia 44, Peru 26,8 e Paraguai 25,6.

Em relação aos salários, nota-se grande precarização, se compararmos os dados com os países da OCDE. O professor Pablo Gentili, em seu Livro *Desencanto e utopia: a educação no labirinto dos novos tempos apresenta* o seguinte quadro de remuneração dos docentes na América Latina:

O salário anual dos docentes regulares (estabelecido pelos estatutos para o início da carreira magisterial) atinge, nos países da OCDE, uma média de US\$ 20.530 no nível fundamental e US\$ 23.201 no Ensino Médio. Para os docentes com mais de quinze anos de experiência e nível superior, os salários chegam a US\$ 35.737 e US\$ 41.616, respectivamente. A distância entre esses valores e os que são pagos nos países latino-americanos é, em alguns casos, abismal. No Chile, a média salarial dos professores vai de US\$ 12.711 ao ano (início de carreira) a US\$ 21.237 ao ano (fim de carreira). No nível médio, de US\$ 12.711 (início de carreira) a US\$ 22.209 (fim de carreira). Na Argentina, a média salarial no nível fundamental vai de US\$ 6.759 anuais a US\$ 11.206 (para início e fim de carreira, respectivamente); no nível médio, de US\$ 10.837 a US\$ 19.147. No Brasil, de US\$ 4.732 a US\$ 15.522 no Ensino fundamental (início e fim de carreira); US\$ 8.148 e US\$ 14.530 no Ensino Médio (início e fim de carreira). No Ensino Fundamental, no Uruguai, a média oscila entre US\$ 6.225 anuais a US\$ 13.340 (início e fim de carreira) e de US\$ 6.847 anuais a US\$ 14.672 no nível médio (início e fim de carreira). (GENTILI, 2008, p. 45)

A superação de alguns desses entraves passa, a nosso ver, pelas potencialidades das organizações da sociedade civil e, em especial, os sindicatos docentes. Nesse sentido, estudar os instrumentos dos trabalhadores da educação, que carregam em suas bandeiras reivindicações e ações que possibilitam a milhões de pessoas condições materiais e sociais é fundamental, pois pode ser um pólo aglutinador que conduza alterações no estado de desigualdade imposto pelas classes dominantes.

CONCLUSÕES

Após analisar o reduzido número de pesquisas, do escasso estímulo a investigações sobre associativismo e sindicalismo dos trabalhadores em Educação, do imenso campo aberto para estudos em âmbito nacional e internacional, da necessidade de estimular pesquisas em âmbito nacional e cooperação internacional, resolvemos nos dedicar aos estudos sobre essa temática, com a ambição de transformar a fragmentação teórica, disciplinar e temática dos estudos em terreno fértil sobre o qual se pudesse aprofundar e potencializar as investigações em andamento e fomentar novas perspectivas no campo, além de promover e ampliar pesquisas sobre as origens, o desenvolvimento e a história de associações e sindicatos em educação, o que temos feito, com regularidade, nos últimos anos.

Por sua vez, a periodização e a temática, do presente projeto de pesquisa, estão associadas a termos verificados no Brasil, a exemplo do que ocorre em toda a América Latina e no mundo, o avanço e a consolidação de políticas neoliberais, que em palavras sucintas e parciais, transfere os recursos do Estado – anteriormente alocados em serviços públicos característicos do Estado do Bem-Estar Social – para a iniciativa privada, consequência da nova etapa histórica do capitalismo.

REFERÊNCIAS

BAUER, Carlos. O despertar libertário. São Paulo: Ed. Pulsar, 1994.

_____. Reflexões sobre o tempo e a história e a utopia no cotidiano escolar. São Paulo: Ed. Pulsar, 2005.

_____. A classe operária vai ao campus. *Esboço de história social, trabalho precário, resistência e ousadia na universidade brasileira contemporânea*. São Paulo: Sundermann, 2010.

BITTAR, Marisa, FERREIRA Jr., Amarílio. Proletarização e sindicalismo de professores na ditadura militar (1964-1985). São Paulo: Ed. Pulsar, 2006.

ENGELS, Friedrich, MARX, Karl. A ideologia alemã; Teses sobre Feuerbach São Paulo: Ed. Centauro, 2002.

_____. Manifesto comunista. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2003.

_____. Sindicalismo. São Paulo: Ed. Ched, 1980.

_____. Textos sobre educação e ensino. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

ENGELS, Friedrich, MARX, Karl, LENIN, Vladimir, TROTSKY, Leon. O marxismo e os sindicatos. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, São Paulo, 2008.

FERNANDES, Florestan. A formação política e o trabalho do professor. In: CATANLID;MIRANDA, D,T; MENEZES, L.C. e FISCHMANN, R.(Orgs.) Universidade, Escola e Formação de Professores. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FERREIRA Jr., Amarilio. Sindicalismo e proletarização: *a saga dos professores brasileiros*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 1998.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Os delírios da Razão: Crise do capital e metarmofose conceitual no campo educacional*. In: GENTILI, Pablo. (org.) A Pedagogia da Exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação, 10º ed., São Paulo: Cortez, 2002.

GENTILI, Pablo (org.). Pedagogia da exclusão: *crítica ao neoliberalismo em educação*, 10. ed. São Paulo: Vozes, 1997.

_____. GENTILI, P.; SUÁREZ, D. (Org.). Reforma educacional e luta democrática: um debate sobre a ação sindical docente na América Latina. São Paulo: Cortez, 2004.

GINDIN, Julián. Sindicalismo docente: Democracia y participación gremial en el magisterio rosarino. Tese (Licenciatura em Antropologia) – Universidad Nacional de Rosario, 2003.

GINDIN, Julián. Sindicalismo docente e Estado: As práticas sindicais do magistério no México, Brasil e Argentina. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GINDIN, Julián. Fuentes primarias para el estudio de las asociaciones y sindicatos docentes argentinas. Documento inédito, 2010.

GINDIN, Julián. El desarrollo del sindicalismo docente en América Latina. Un ensayo sociológico. In: FORNILLO, Bruno; ABAL MEDINA, Paula; WYCZYKIER, Gabriela (Comp.) La forma sindical en debate. Miradas latinoamericanas. Buenos Aires: Biblos, 2011.

GINDIN, Julián; MELO, Savana Diniz Gomes. A internacionalização do debate sobre o sindicalismo dos trabalhadores em educação na América Latina. In: DAL ROSSO, Sadi (Org.) Associativismo e sindicalismo docente em educação. Organização e lutas. Brasília: Paralelo 15, 2011.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. Poder, Política e Partido. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

HOBSBAW, Eric. Mundo do trabalho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JULIÁN, FONTORA e GENTILI. Sindicatos Docentes e Reformas educacionais na América Latina. Fundação Konrad Adenauer. Rio de Janeiro, 2009.

LEHER, Roberto e Setúbal, Mariana (orgs.). Pensamentos crítico e movimentos sociais: diálogo para uma nova práxis. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. "Para silenciar os campi". In: Educ. Soc., Campinas, vol.25, n.88, p.867-891, Especial – Out. 2004.

LOMBARDI, José Claudinei. Educação e ensino na obra de Marx e Engels. Campinas: Alínea, 2011.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. A pesquisa em educação: *abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, D. A. Reforma educacional na América Latina e os trabalhadores docentes. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educ. Soc.*, v. 25, n. 89, p. 1.127-1.144, dez. 2004.

PEREIRA, Maria Cristina Cardoso. Judicialização dos conflitos coletivos na esfera sindical: o caso do Andes – Sindicato Nacional. In *Associativismo e sindicalismo em educação: Organizações e Lutas*, Brasília: Paralelo 15, 2011.

REVISTA ADUNESP. Associação dos Docentes da Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, v. 1, agosto de 2007.

SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SAVIANI, Dermeval. História das Idéias Pedagógicas no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa – v. 1. *A árvore da vida*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, Paulo. A voz do passado: história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIANNA, Cláudia. Os nós do “nós”: *crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo*. São Paulo: Xamã, 1999.

Sites: www.uis.unesco.org acessado em 22/03/2012